

Estados Unidos da Europa (A metamorfose dos 15 para os 25)

Fizeram as malas e deixaram a casa para trás. Vieram estudar para Portugal. São todos europeus. Uns gozam o que, na sua opinião, a União Europeia de melhor lhes proporciona: a mobilidade. Outros aspiram às mesmas oportunidades, mas para já ainda precisam de vistos para residir no espaço Schengen. Numa altura em que se discute o futuro da Europa face ao alargamento a Leste, as opiniões destes estudantes compõem o puzzle multicultural da Europa e deixam antever o modo como se encaixarão as peças no futuro.

?Os húngaros têm medo que os cidadãos dos países ocidentais cheguem ao seu país e comecem a comprar as casas, as propriedades e as terras que agora não custam quase nada, mas que depois poderão vir a representar valores incomputáveis para qualquer húngaro.?

Kristian Molnar, Hungria

?Quando eu cheguei ao Brasil ninguém sabia nada sobre a Áustria mas todos sabiam que o Hitler tinha nascido lá!?

Johanna Mayr, Áustria

?As directivas comunitárias interferem demasiado em leis nacionais que têm por base questões culturais.?

Irene Veloso, Espanha

?Há uma história que nos une, uma arquitectura que nos assemelha, algo que nos é comum!?

Chiara Sabbatini, Itália

?A Grã- Bretanha já é quase um continente, para quê pertencer a algo ainda maior??

Emily Dyson, Reino Unido

?Não querem [Reino Unido] fazer parte da União Europeia, então é deixá-los!?

Benôit Yacine, França

A Europa dos Vinte e Cinco

Quando chegaram a Portugal ficaram surpreendidas com o pouco que os portugueses conheciam da República Checa. Nadia Haicenova, 23 anos, assegura ? olhos arregalados ? que até lhe perguntaram se o seu país ficava perto da República Dominicana. O espanto surge quando a ouvimos falar português. Não é para menos. Ela e Kreta Mrazikova, 24 anos, frequentam o 5º ano de Espanhol/ Português na Universidade de Olomouc. O interesse pelos idiomas é bastante pragmático. Com os olhos postos na União Europeia (UE), esperam que a adesão da República Checa, prevista para 2004, suscite mais oportunidades de emprego no estrangeiro. Sobretudo para quem, como elas, domine ?línguas pouco conhecidas?.

De facto, os Quinze são vistos como um destino de fuga aos baixos salários praticados no seu país, onde o ordenado mínimo ronda os 200 euros. Para Nadia a origem deste problema está no facto de não haver uma correspondência entre a categoria profissional e o salário. Os exemplos sucedem-se: ?Um médico, um professor ou um arquitecto recém-licenciado ganha 6 mil coroas (cerca de 200 euros) por mês?, insurge-se Kreta. Para alterar esta situação, as checas dizem contar com a intervenção da UE.

Mas há quem não deseje qualquer tipo de ingerência. Os mesmos que temem que a UE proíba a produção tradicional do queijo típico de Olomouc e da aguardente da Morávia por esta não obedecer às normas comunitárias. A iminência da proibição está a gerar um sentimento de antipatia em relação à UE. E a servir de argumento aos partidários do ?não? à adesão. Facto que Kreta diz compreender, apesar de se mostrar a favor da entrada da República Checa para a UE. É que a importância destes dois produtos, mais do que económica, é cultural. ?A

aguardente é uma bebida muito forte [com valores de álcool muito elevados] que é produzida em cada família da aldeia e é também usada como medicamento?, explica.

Geograficamente um pouco mais abaixo, na Hungria, a adesão à UE é bem-vinda, mas as vozes discordantes têm subido de tom. O motivo: receio da especulação imobiliária. Kristian Molnar, 25 anos, estudante do 5º ano de Relações Internacionais da Universidade de Economia e Administração Pública de Budapeste, conhece bem as consequências desta prática no Algarve e em Palma de Maiorca, Espanha. Por isso compreende os seus compatriotas. ?Os húngaros têm medo que os cidadãos dos países ocidentais cheguem ao seu país e comecem a comprar as casas, as propriedades e as terras que agora não custam quase nada, mas que depois poderão vir a representar valores incomportáveis para qualquer húngaro.? Face a este cenário, Kristian acredita que se o seu governo não puder evitar uma provável especulação, os 70 a 80% da população que se mostram favoráveis à adesão possam deixar de o ser. Até porque, explica, ?os partidos de direita estão a aproveitar esta questão para dividir a opinião pública.?

Ainda assim, a opinião de Kristian está formada. Fervoroso adepto da UE, este aspirante a diplomata quer ver os fundos monetários aplicados na construção de auto-estradas e na melhoria do sistema de saúde público, onde se incluem as estruturas hospitalares, mas também dos ordenados dos médicos. Este último desejo tem uma explicação insólita. É que na Hungria, conta Kristian, ?o salário oficial de um médico experiente ronda os 500 euros (um recém-licenciado ganha o salário mínimo, cerca de 220 euros). Por isso, os doentes têm de lhes dar um ? apoio? monetário extra.? A história ganha contornos obscuros. ?Não é obrigatório, mas quase! Quem não quer ser mal tratado no hospital tem de ?apoiar? o médico.? O preço varia. ?Há uma taxa conveniente que ronda os 20/30 euros. E depois depende do tipo de operação. Se for grave a taxa pode atingir os 100/200 euros.? Logo, se a UE ? apoiar? os médicos húngaros, os doentes agradecem.

Apesar da expectativa criada em torno da adesão da Hungria, Kristian reconhece que o país pode vir a sofrer com o facto de as suas fronteiras virem a coincidir com as da União. Isto caso a Roménia e a Bulgária fracassem os seus planos de adesão em 2007. Um cenário que Kristian acredita ser o mais provável, dada a pobreza de ambos. Se isso acontecer ?acho que vai haver uma grande vaga de emigração proveniente daqueles países com destino à UE que vai acabar por ficar na Hungria. O que pode vir a agravar os problemas que já temos com outros cidadãos emigrantes do Iraque e do Afeganistão?, explica.

Quem paga o alargamento?

Se a leste e a oriente, Nadia, Kreta e Kristian ainda têm uma visão turva sobre as consequências da adesão dos seus países à UE, a ocidente as opiniões dos entrevistados cujos países fazem parte dos Quinze são favoravelmente reservadas. A ideia romantizada de que ?os ricos devem ajudar os pobres? subsiste em cada argumento a favor da adesão dos Dez ? Hungria, República Checa, Polónia, Eslováquia, Eslovénia, Estónia, Letónia, Lituânia, Malta e Chipre. Existem, no entanto, alguns senãos.

Para Kristina Reinwart, 22 anos, estudante do 4º ano de Gestão na Universidade de Bayreuth, na Alemanha, um desses senãos prende-se com o ?timing?. ?A União Europeia devia ter esperado pela retoma económica dos países contribuintes líquidos [que suportam grande parte do orçamento comunitário] e só depois equacionar o alargamento?, refere. ?Não sei se estamos [Alemanha] nas melhores condições para suportar os custos da adesão?, questiona Kristina. Uma questão que ganha relevo para esta estudante uma vez que a Alemanha assegura 50% do orçamento comunitário.

Mas os custos da pré-adesão já se têm feito sentir. As ajudas financeiras aos países da Europa Central e Oriental começaram em 1989, logo após a queda dos regimes comunistas, através do programa PHARE. Para o período de 2000 a 2006, este programa prevê uma ajuda de 10 mil milhões de euros. Actualmente, os apoios revertem para treze beneficiários: Albânia, Bósnia ? Herzegovina, Bulgária, Estónia, ex-República Jugoslava da Macedónia, Hungria, Letónia, Lituânia, Polónia, Roménia, República Checa, Eslováquia e Eslovénia.

Quem não teme que a factura do alargamento dos Quinze para os Vinte e Cinco saia do bolso do seu país é Tina Van den Broeck, 21 anos. ?A Bélgica [país contribuinte] deu mais do que recebeu da UE, por isso a adesão dos novos países não vai causar problemas económicos ao país.? Para a estudante do 3º ano de Desporto na Universidade de Gent, ?o mesmo não poderá dizer Portugal?, que é um país beneficiário. Pelo que deve contar com uma forte diminuição dos apoios comunitários que serão canalizados para os novos Estados-membros.

Custos à parte, os 75 milhões de novos cidadãos da UE são bem vindos. Por razões éticas. Motivos que não convencem Irene Veloso, 24 anos. ?É ingénuo pensar-se que o alargamento se está a fazer para ajudar esses países do ponto de vista social?, contesta a finalista de Direito da Universidade da Corunha, Espanha. E acrescenta: ?Uma união territorial é mais benéfica política e economicamente do que um espaço que ora pertence à UE ora não.?

To be or not to be

É quase unânime entre os entrevistados que a moeda única, o Euro, foi uma das grandes vantagens trazidas pela União Europeia para quem gosta de viajar. Sem os câmbios sempre se poupam uns trocos nas transferências bancárias e tornam-se mais fáceis as comparações entre tabelas de preços. Sem saudades das moedas ?antigas?, sem receio de que as novas resultem em perda de identidade nacional, o único senão do Euro, também ele consensual, está no facto de logo após a sua circulação os preços terem disparado em todos os países. Mesmo assim, o Euro agrada a todos.

A todos excepto a Sarah Dicken e Emily Dyson, 21 anos, no 3º ano de Português Espanhol na Universidade de Nottingham. Apesar de reconhecerem as facilidades da moeda comum as inglesas ainda suspiram pela Libra. ?A sua perda resultaria numa perda histórica e patrimonial muito grande?, desabafa Sarah. Por isso, o Reino Unido aguarda um referendo sobre a mudança para o Euro ou a continuidade da Libra. Entretanto ? sorriem as

inglesas ? Tony Blair [primeiro-ministro britânico] espera, espera?? Espera pelo momento oportuno de lançar o referendo. Aquele em que possa ter a certeza de que os britânicos votarão pelo Euro, explicam Sarah e Emily. Não só a indecisão quanto à adopção do Euro, mas também o posicionamento britânico entre a pertença à União Europeia e a simpatia pela sua ex-colónia, os Estados Unidos da América (EUA), encontra algum eco nas opiniões das estudantes. Admitindo que percebe pouco de política, Sarah arrisca uma interpretação: ?A Grã-Bretanha tem uma ligação muito forte aos EUA e se fortalecemos as nossas relações com a UE podemos perdê-la!? Além disso, ?quando se pensa na UE enquanto abstracção é fácil dizer que foi uma boa ideia, mas se nos detivermos nas pequenas consequências que a pertença foi originando em cada país já não parece assim tão boa?, explica a estudante. A questão da pertença à União Europeia ganha outros contornos para Emily. ?A Grã-Bretanha já é quase um continente, para quê pertencer a algo ainda maior??. questiona-se.

?É deixá-los!?

A guerra dos Cem Anos entre a França e a Inglaterra parece ter deixado para sempre uma certa antipatia mútua entre os países. Antipatia que faz com que os franceses recusem falar a língua inglesa e algo mais? Sobre a indecisão do Reino Unido em relação ao Euro, Benoit Yacine, 23 anos, a frequentar o 4º ano de Arquitectura da Universidade de Lille, França, é radical: ?Não querem fazer parte da União Europeia, então é deixá-los!? Enquanto futuro arquitecto, Benoit vê na livre circulação de pessoas uma oportunidade para ?participar activamente na construção da Europa.? Isto é, de poder ver os seus futuros projectos ganhar forma em qualquer um dos estados-membros. Aproveitando a deixa, Alexandre Plantão, 22 anos, colega de turma de Benoit, completa-lhe o raciocínio informando que os arquitectos são ?mal vistos pela população francesa?. A ?crise da arquitectura? terá começado, explica Alexandre, depois da II Guerra Mundial. ?Quando os arquitectos franceses tiveram de reconstruir a França, acabaram por fazer muitas habitações sociais que por sua vez acarretaram problemas sociais e a culpa dessa situação recaiu sobre eles.?

De facto o Tratado de Schengen, que garantiu a livre circulação de pessoas e a eliminação de fronteiras entre os Estados-membros, é visto como a cereja em cima do bolo europeu. No entanto, Alexandre lamenta o facto de a UE ?ainda estar muito esclerosada e fechada em si mesma?. E por isso, insurge-se: ?O modo como funciona e a sua política são demasiado complicados.?

O fantasma de Hitler

Há 58 anos que a Europa enterrou a II Guerra Mundial, mas o fantasma de Hitler parece ainda assombrar a Alemanha e a Áustria. Para Kristina Reinwart, ?o passado alemão? ainda gera alguma desconfiança entre os parceiros europeus, sobretudo entre os franceses. É neste ?pé atrás? que a estudante de Gestão encontra a explicação para algo que a incomoda. O facto de achar que a Alemanha está ?sub-representada? no Conselho Europeu uma vez que o seu país ?tem o mesmo número de votos [10] que a França apesar de ter mais população?, explica. Pelo contrário, ?os países mais ?pequenos? estão sobre-representados, porque têm mais votos do que deveriam tendo em conta a sua população?, afirma Kristina. Apesar de achar que o sistema deveria ser mudado Kristina sabe que tal seria difícil porque ?os ?pequenos? países também têm o direito de defender os seus interesses e se tivessem menos votos não o conseguiriam.?

É tudo uma questão de números: os votos atribuídos aos Estados-membros no Conselho Europeu são determinados em função da população de cada país e de um ajustamento que leva a uma sobre-representação relativa dos Estados com menos população. Este sistema impede que na votação por maioria qualificada os ?grandes? países coloquem os ?pequenos? em situação de minoria e vice-versa. Com o alargamento está prevista uma revisão da escala de ponderações. O objectivo é assegurar que o peso relativo dos ?pequenos? e ?médios? países seja proporcional à sua população.

Atenta às contestações de Kristina está Johanna Mayr, 23 anos, estudante de Antropologia e Português na Universidade de Wien, Áustria. Com um sotaque do Brasil, país onde já viveu, Johanna deixa escapar um lamento pelo facto de a Áustria ser um país pequeno e, por isso, ter direito a menos votos. Mas não discute as ideias da amiga em relação à União Europeia. Prefere falar do sentimento de ?permanente culpa pelo passado nazi? que divide com Kristina.

?Quando eu cheguei ao Brasil ninguém sabia nada sobre a Áustria ? repara Johanna ? mas todos sabiam que o Hitler tinha nascido lá!? Enquanto Johanna fala, Kristina acena com a cabeça em sinal de subscrição absoluta das palavras da amiga. ?É terrível!? O aborrecimento sobe de tom: ?Eu nunca fui racista, nem nazi e não tenho nada a ver com ele [Hitler]!? Johanna e Kristina não querem apagar o nazismo da história europeia, antes ?discutir a II Guerra Mundial tal como devemos discutir a Guerra dos Cem Anos entre a França e a Inglaterra?, concordam. Ao invés disso, queixa-se Kristina, ?quando falam da II Guerra Mundial fazem-no de um modo que me faz sentir culpada pelo que aconteceu. Às vezes dá-me a impressão que também eu fiz aquelas coisas!? Agora é Johanna quem solidariamente dá sinal de concordar. ?Ninguém acusa os americanos pela escravatura, nem os portugueses pela matança de indígenas no Brasil. E os espanhóis? Quantos povos massacraram na América Latina??. interroga Johanna. ?Eu não tive culpa do Holocausto!?, remata, olhando para a amiga que atesta: ?Nem eu!?

Identidade ou uniformidade

Para além de se saberem europeus por razões geográficas, Chiara Sabattini e Fabio Giulianini, 22 e 25 anos, sentem-se europeus. A razão é só uma: a existência do que acreditam ser uma ?identidade europeia?. ?Há uma história que nos une, uma arquitectura que nos assemelha, algo que nos é comum!?, diz Chiara, estudante de Arquitectura em Florença, Itália. É esse sentimento que a leva à constatação de que ?trocar a Itália por qualquer

outro país dentro da UE seria mais fácil do que trocá-la pelos EUA?. A ideia agrada a Fabio, também ele estudante de Arquitectura, em Ferrara. Até porque "não há emprego para quem tira este curso?", sorri.

Mas há quem veja na "identidade europeia" uma uniformidade forçada. Koldo Goenaga, 21 anos, a frequentar o 4º ano de Direito na Universidade do País Basco, Espanha, admite não ser partidário da União Europeia. "Muitas das directivas uniformizam sem atender às especificidades culturais de cada país." E para que se entenda bem do que é que está a falar, o futuro advogado dá um exemplo: "A UE está a fazer leis para uniformizar os horários de funcionamento de bares, fazendo com que encerrem mais cedo." Ora esta medida, na opinião de Koldo, vai interferir com os hábitos do seu país. "Em Espanha às 21h janta-se e às 24h ainda há gente na rua pronta a ir para os bares, quer seja à semana ou ao fim-de-semana. O mesmo não acontece em Londres." Mas o exemplos não se ficam por aqui. "Na França" continua Koldo "as pessoas deitam-se tão cedo que às 23h podes ver filmes pornográficos na televisão. Isso seria impensável em Espanha." Por todas estas diferenças culturais, Koldo não admite que se "regule a vida nocturna" em todos os países pela mesma directiva. "Estão [UE] a querer que toda a gente se deite à mesma hora!?", ironiza.

Apesar de ser partidária da causa europeia, Irene Veloso concorda com o seu conterrâneo no que toca ao perigo da uniformização cultural. "As directivas comunitárias interferem demasiado em leis nacionais que têm por base questões culturais?", adverte. Estas "interferências" seja ao encerrar os bares espanhóis de acordo com o horário dos ingleses, seja ao proibir a produção artesanal da aguardente e do queijo checos são as "pequenas" consequências da pertença ao todo a que Sarah Dicken se referia. Areias provenientes de uma multiculturalidade que podem vir a emperrar a grande máquina da União Europeia, ou talvez não.